

PRAZER,

Considerado um dos lugares mais lindos do mundo, Torres del Paine, no sul do Chile, ainda é pouco conhecido no Brasil

TORRES

– Já foi para Torres del Paine?

– Desculpa, pra onde?

São três pernas de pouco mais de 4 horas de viagem: voo São Paulo-Santiago, conexão para Punta Arenas (banhada pelo Estreito de Magalhães, quer dizer, no fim do mundo) e van até o parque nacional. Mesmo famoso mundialmente graças aos lagos, glaciares e montanhas lindas de morrer, poucos turistas visitam o lugar: de março de 2012 a fevereiro de 2013 foram 155.952 – só 6.349 (4%) brasileiros. A região atrai principalmente pelas caminhadas para

todos os níveis de condicionamento – de trekkings de 1 hora em trilhas planas até percursos de mais de 8 horas, com bastante aclave e terreno acidentado. A dramaticidade do relevo é temperada por fortes rajadas de vento e repentinas mudanças climáticas. É possível se hospedar dentro e próximo ao parque ou na cidade de Puerto Natales (a 147 quilômetros de Torres). A *Revista Personnalité* apresenta os destaques do parque da perspectiva de três de seus melhores hotéis: The Singular, Tierra Patagonia e Patagonia Camp.



THE SINGULAR

Arquitetura secular e maquinário inglês

“Atenção, silêncio. Estamos na casa dele – e nem sequer fomos convidados.” Ficamos, então, quietos, agachados, como arbustos no topo do Cerro Benítez (550 metros), equilibrando o corpo entre rajadas de vento e a visão da Laguna Sofia, lá embaixo. Mais próximo, porém, a uns 40 metros, um casal de condores (símbolo chileno), curte a brisa, sem grandes planos de bater asas dali. Enorme a expectativa de assistir de perto (e de cima) ao voo do bicho que pode ter 1,10 metro de altura e uma envergadura de 3,20 metros. Vinte minutos de espera e... nada. No que pensamos em nos mover para ir embora, o condor se atira – e parece que vamos juntos a ponto de sentir frio na barriga. Sem bater as asas ne-

nhuma vez, ele plana, enfrenta a fúria do vento com desdém e usa as correntes para voltar ao ninho.

O show se repete mais duas vezes para os quatro hóspedes liderados por dois guias do hotel The Singular. O ápice das 4 horas e meia de trekking é como um desses filmes que grudam na memória e você não esquece nunca mais. Na van para o hotel, o silêncio mostra que todos ainda estão na companhia do condor.

Os alicerces do Singular são centenários. O hotel ocupa o antigo frigorífico Bories, construído pela La Sociedad

Exploradora de Tierra del Fuego de 1905 a 1915. Durante 70 anos, o Bories processou e exportou a produção ovina da Patagônia para a Europa. O prédio em estilo vitoriano foi declarado Monumento Histórico Nacional em 1996, passou por uma reforma de mais de dez anos (o maquinário inglês foi preservado) e abriu como hotel de luxo em novembro de 2011. História à parte, uma nova ala, de três andares, foi erguida para acomodar 54 quartos (45 metros quadrados) e três suítes (70 metros quadrados) – as janelas panorâmicas, com vidro do chão ao teto, são espetaculares nos dois casos: 6 e 12 me-



tros de comprimento. A vista é a mesma para todos: oceano Pacífico com o fiorde Última Esperanza ao fundo.

Do píer em frente ao hotel, sai a embarcação com dois motores de 250 cavalos, exclusiva para hóspedes, para conhecer (ou pelo menos tentar...) os glaciares de Serrano e Balmaceda, no Parque Nacional Bernardo O’Higgins, o maior do Chile. Na primeira tentativa, a navegação de 1 hora e 15 minutos teve que ser abortada graças a uma repentina mudança de vento e de elevação das ondas. No dia seguinte, deu não só para se emocionar aos pés dos glaciares

como, na volta, para pedalar até Puerto Natales e provar a cerveja artesanal Baguales, produzida pelo escalador Daniel Darrigrandi. “Baguales são os cavalos selvagens que ficam em uma área remota de Torres. A palavra virou verbo: depois da temporada, quando descíamos da montanha após trabalhar, nós, guias, gostávamos de farrear, beber com os amigos, bagualizar...”, explica Daniel. Algumas cervejas mais tarde, com um baita vento contra na cara, foi impossível pedalar para o hotel. Hora de andar e notar como são especiais as nuvens que desenham o céu patagônico.



DIVULGAÇÃO

TIERRA PATAGONIA

Inspirado no vento, hotel some na paisagem

“Se o vento soprar forte demais, vou gritar para deitarmos no chão. Por favor, obedecem na hora e só levantem quando eu disser.” As palavras do guia Carlos Miranda Toledo, 29 anos, nascido em Punta Arenas, com 13 anos de experiência em Torres del Paine, fazem parte das instruções para a realização do trekking mais emblemático (e difícil) do parque: a Base das Torres, caminhada puxada de 18 quilômetros. São cerca de 8 horas de perna por três trechos bem distintos: aclive suave, mas constante, por terreno árido, aberto e sujeito a rajadas capazes de derrubar a pessoa; bosque sombreado predominantemente plano e, para fechar, um aclive íngreme, de pedras soltas e sem proteção dos ventos. A ventania deu as caras, mas não a ponto de nos jogar no chão – foi preciso, porém, em três ocasiões, fazermos uma espécie de “trenzinho”,

agarrando um nas costas do outro, para evitar sair voando como uma folha de papel penhasco abaixo. O guia Carlos (especializado em birdwatching) é desses craques que sabem dar a dose exata de informação, mesclando curiosidades da flora e da fauna com histórias dos nomes que batizam as atrações locais, como o lago Nordernskjöld, sobrenome do geólogo sueco Otto (1869-1928), da Universidade de Uppsala, explorador polar que fez importantes mapas da região.

Esse extremo cuidado com a formação da equipe de funcionários e guias é um dos diferenciais do Tierra Patagonia



Hotel & Spa, aberto em dezembro de 2011 e que já tem os turistas brasileiros como segundo principal mercado (30%) – só perdem para os norte-americanos (35%). Faz toda a diferença também realizar a subida à Base das Torres com um guia exclusivo. Ao atingir o objetivo (o início do trekking é a 135 metros de altitude; o fim, a 886 metros), ainda engasgado com a emoção causada em ver de perto os três picos de granito que dão nome ao parque (Torre Sur, 2.850 metros; Central, 2.800 metros e Norte, 2.243 metros), com um lago em primeiro plano e o céu azul como pano de fundo, Carlos saca da mochila



algumas surpresas: sopa (quentinha) de tomate, espeto de legumes, azeitonas e vários tipos de queijo (como se não bastassem os sanduíches de salmão, de rosbife e os chocolates que recebemos no início da caminhada). Como um bom guia, Carlos sabe sair de cena no momento certo. Ficamos ali, mais de 1 hora, acompanhando a sombra das nuvens ligeiras sobre a superfície verde do lago. Tontos, não por falta de ar, mas pela beleza acachapante. Ao voltar de uma aventura como essa tudo o que se deseja é

chegar logo ao hotel – e aí a vantagem de hospedar-se no parque: evitar cerca de 3 horas de traslado (ida e volta) até Puerto Natales. Retornar ao Tierra, no entanto, não significa ficar longe da natureza. Pelo contrário. À margem do lago Sarmiento, os 40 quartos, distribuídos em dois andares, são voltados para o Maciço del Paine, bem como toda a área comum, dividida entre o restaurante, lareira e ambientes aconchegantes de leitura (ou para fazer nada, só olhar as montanhas!), debruçada sobre uma enorme parede de vidro que

dá a impressão de ser uma tela de cinema transmitindo o dia inteiro um especial da *National Geographic* (até a piscina aquecida coberta tem parede inteira de vidro). O hotel foi idealizado para desaparecer no cenário natural. “Ele é inspirado no vento patagônico. Nasceu como mais uma duna na paisagem”, comenta o diretor executivo do Tierra, Miguel Purcell. “O projeto arquitetônico de Cazu Zegers, Rodrigo Ferrer e Roberto Benavente não deixou o hotel como protagonista da área, mas, sim, como mais um elemento.”

DIVULGAÇÃO

AO LADO, O HOTEL TIERRA PATAGONIA, PARECE QUE NÃO ESTÁ NA FOTO, MAS É ELE ALI, ENTRE OS ARBUSTOS E O LAGO SARMIENTO. NO ALTO, ICEBERGUES NO LAGO GREY

